

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
João Manuel Nunes Torrão
(Coords.)



Aveiro | Coimbra | São Paulo 2015

UA Editora - Universidade de Aveiro | Imprensa da Universidade de Coimbra | Annablume

Este volume resulta de várias iniciativas desenvolvidas no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), recolhendo contribuições de mais de duas dezenas de colaboradores, tanto de membros da equipa como de outros investigadores nacionais e estrangeiros. Entre os eventos que estiveram na origem deste livro destacam-se as três edições do Ciclo de Conferências promovido pelo projecto, realizadas entre 2010 e 2013, e sobretudo o Colóquio Internacional “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, que decorreu no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, nos dias 21 e 22 de Novembro de 2013.

O objectivo principal do projecto é a edição e tradução para português dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque... enarrationes* (Veneza, 1553), estando contemplada, também, a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do médico português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides; a jusante, a do livro intitulado *Apologia adversus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) de Pietro Andrea Mattioli.

OBRA PUBLICADA COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas
da Universidade de Aveiro

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto
Benveniste” da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CARLOS DE MIGUEL MORA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO

2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNABLUME

HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

EDIÇÃO

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE
CARLOS DE MIGUEL MORA
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

DESIGN DA CAPA MEIOKILO DESIGN STUDIO

DESIGN
CARLOS COSTA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

SERSILITO • MAIA

ISBN

UA • 978-972-789-434-5
IUC • 978-989-26-0940-9

ISBN DIGITAL

UA • 978-972-789-435-2
IUC • 978-989-26-0941-6

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0941-6>

DEPÓSITO LEGAL 368241/13

TIRAGEM 500 Exemplares

© 2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

COMISSÃO CIENTÍFICA

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
Delfim Ferreira Leão
Henrique Leitão
João Manuel Nunes Torrão
Maria de Fátima Reis
Maria do Céu Zambujo Fialho
Miguel Ángel González Manjarrés

TEXTOS

Adelino Cardoso
Ana Leonor Pereira
Ana Margarida Borges
António Guimarães Pinto
António Maria Martins Melo
Bernardo Mota
Carlos A. Martins de Jesus
Carlos de Miguel Mora
Cristina Santos Pinheiro
Donald Beecher
Emília Oliveira
Isabel Malaquias
James W. Nelson Novoa
Joana Mestre Costa
João Manuel Nunes Torrão
João Rui Pita
Jorge Paiva
José Sílvio Moreira Fernandes
Maria de Fátima Silva
Miguel Ángel González Manjarrés
Rui Manuel Loureiro
Telmo Corujo dos Reis
Teresa Nobre de Carvalho
Vinícius B. Lupis
Virgínia Soares Pereira

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CARLOS DE MIGUEL MORA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO

2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNABLUME

**OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:**

**CENTRO DE LÍNGUAS,
LITERATURAS E CULTURAS DA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

**CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS
"ALBERTO BENVENISTE"
DA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

 **ECH** CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
da Universidade de Coimbra



SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
1) HUMANISMO E CIÊNCIA	11
1.1 “Teofrasto, <i>Tratado das plantas</i> . No alvor de uma nova ciência”	13
<i>Maria de Fátima Silva</i>	
1.2 “Francisco de Melo e os fragmentos de teoria óptica de Pierre Brissot”	21
<i>Bernardo Mota</i>	
1.3 “Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos <i>Colóquios dos simples</i> de Garcia de Orta”	37
<i>Rui Manuel Loureiro</i>	
1.4 “Estratégias, patronos e favores em <i>Colóquios dos Simples</i> de Garcia de Orta”	63
<i>Teresa Nobre de Carvalho</i>	
1.5 “As plantas na obra poética de Camões (épica e lírica)”	95
<i>Jorge Paiva</i>	
1.6 “Nicolás Monardes, John Frampton and the Medical Wonders of the New World”	141
<i>Donald Beecher</i>	
1.7 “Literatura e Medicina: alguns textos de Justo Lúpsio e de dois doutores Luís Nunes”	161
<i>António Guimarães Pinto</i>	
1.8 “Ontologias e idiosincrasias dos Amantes, à luz da <i>Archipathologia</i> de Filipe Montalto”	211
<i>Joana Mestre Costa & Adelino Cardoso</i>	
1.9 “Gabriel da Fonseca. A New Christian doctor in Bernini’s Rome”	227
<i>James W. Nelson Novoa</i>	

2) DIOSCÓRIDES E O HUMANISMO PORTUGUÊS:	
OS COMENTÁRIOS DE AMATO LUSITANO	249
2.1 “Léxico científico português nos <i>Comentários</i> de Amato: antecedentes e receção”	251
<i>Ana Margarida Borges</i>	
2.2 “Usos medicinais das plantas, em Amato Lusitano: o bálsamo”	275
<i>António Maria Martins Melo</i>	
2.3 “Amato Lusitano e a importância da ilustração botânica no século XVI. Em torno das edições líonesas das <i>Enarrationes</i> (1558)”	303
<i>Carlos A. Martins de Jesus</i>	
2.4 “Sobre la identificación entre ébano y guayaco en una entrada del <i>Index Dioscoridis</i> de Amato Lusitano”	317
<i>Carlos de Miguel Mora</i>	
2.5 “Os partos distócicos em Amato Lusitano e em Rodrigo de Castro: fontes, doutrinas e terapias greco-romanas”	353
<i>Cristina Santos Pinheiro</i>	
2.6 “Do carvalho ao castanheiro: usos e propriedades medicinais de fagáceas nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano”	373
<i>Emília Oliveira</i>	
2.7 “O mundo mineral nos <i>Comentários</i> a Dioscórides de Amato Lusitano”	387
<i>Isabel Malaquias & Virgínia Soares Pereira</i>	
2.8 “Alguns comentários de Amato: entre a estranheza e a realidade”	413
<i>João Manuel Nunes Torrão</i>	
2.9 “Caracterização e usos terapêuticos de produtos de origem marinha nos <i>Comentários</i> de Amato Lusitano a Dioscórides”	425
<i>José Sílvio Moreira Fernandes</i>	
2.10 “La mandrágora de Amato Lusitano: edición, traducción y anotación”	449
<i>Miguel Ángel González Manjarrés</i>	
2.11 “O vinho e os vinhos — usos e virtudes de um dom dos deuses nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano”	467
<i>Telmo Corujo dos Reis</i>	
2.12 “Amatus Lusitanus e Didaco Pirro: due ebrei portoghesi e cerchia umanistica di Dubrovnik”	481
<i>Vinicije B. Lupis</i>	
2.13 “Estudos contemporâneos sobre Amato Lusitano”	513
<i>João Rui Pita & Ana Leonor Pereira</i>	

Usos medicinais das plantas, em Amato Lusitano: o bálsamo¹

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO²

RESUMO:

“Amigo fiel é bálsamo de vida” lê-se no Antigo Testamento, no livro *Eclesiástico* ou de *Ben Sirá* (6.16). Uma frase que nos remete para a preciosidade deste perfume na Antiguidade. Depois desta breve introdução, estudam-se os dois textos de Amato Lusitano que tratam do bálsamo: um no *Index* (l.18) e outro nas *Enarrationes* (l.18).

PALAVRAS-CHAVE:

Bálsamo; Amato Lusitano; Humanismo; Judeus.

ABSTRACT:

“A loyal friend is the elixir of life” we read in the Old Testament, on the Book *Ecclesiasticus* or *Filius Sirach* (6.16). This phrase reminds us to the preciousness of this perfume in Antiquity. After this brief introduction, we study two texts of Amatus Lusitanus which theme is the balsam: one on the *Index* (l.18) and another at *Enarrationes* (l.18).

KEYWORDS:

Balsam; Amatus Lusitanus; Humanism; Jews.

1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do PEst-OE/FIL/UI0683/2014, projeto estratégico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e do projeto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>) do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

Para a elaboração deste artigo, pudemos contar com os comentários, sugestões e críticas de António Andrade, João Torrão, Carlos de Miguel Mora e Jorge Paiva, a quem manifestamos a nossa gratidão.

2 Universidade Católica Portuguesa — Braga: antmelo@braga.ucp.pt.

0. O ELOGIO DA SABEDORIA

A sociedade contemporânea, contrariando a tradição de gerações, com raízes nos primórdios da humanidade, tem sistematicamente desvalorizado o elogio da sabedoria. Não querendo subalternizar a tradição milenar da cultura oriental, permita-se que a primeira referência se situe na Cultura Grega; e aqui, que o pensamento voe, quase de imediato, até à tradição dos Sete Sábios: Tales de Mileto, o mais antigo dos filósofos pré-socráticos (625-545 a. C.), será um dos seus primeiros nomes, incontestavelmente.

Desta cultura, dita pagã, recorda-se, aqui, o elogio da sabedoria de um filósofo pré-socrático, natural de Cólofon, antiga cidade grega na região da Lídia, na Ásia Menor, hoje território da Turquia. Chamava-se ele Xenófanes (sécs. VI-V a. C.), o qual apresentou este elogio contraposto às honrarias que acompanham sempre os vencedores em Olímpia, que, apesar de serem mais ilustres à vista dos seus concidadãos, em nada são mais dignos do que ele,

ῥώμνης γὰρ ἀμείνων
ἀνδρῶν ἢ δ' ἵππων ἡμετέρη σοφίη.
ἀλλ' εἰκῆ μάλα τοῦτο νομίζεται οὐδὲ δίκαιον
προκρίνειν ῥώμην τῆς ἀγαθῆς σοφίης.

pois melhor do que a força
de homens e corcéis é a nossa sabedoria.
É isso um modo de pensar leviano e não é justo
preferir a força à notável sabedoria³.

Os textos da Sagrada Escritura também reservaram um grande apreço à reflexão sapiencial, com origens na região do Próximo Oriente e tradicionalmente relacionada com a figura do rei Salomão. A recolha dos antigos provérbios e das reflexões sapienciais do povo de Israel, a seguir ao seu exílio da Babilónia, resulta num conjunto de sete livros do Antigo Testamento, denominados de Sapienciais.

1. O BÁLSAMO, NA BÍBLIA

Num destes livros, isto é, no livro dos *Salmos* (45.8), pode ler-se este passo:

3 Xenoph., *fr.2 Diels*, in Maria Helena da Rocha PEREIRA, *Hélide. Antologia de Cultura Grega*, organizada e traduzida do original. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — Instituto de Estudos Clássicos, 1998, p. 131.

dilexisti iustitiam et odisti iniquitatem;
propterea unxit te Deus Deus tuus
oleo laetitiae
prae consortibus tuis⁴.

Amas a justiça e odeias a injustiça;
por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu
com o óleo da alegria,
preferindo-te aos teus companheiros⁵.

Esta metáfora remete-nos para a preciosidade em que era tido em conta este perfume na Antiguidade. E, em consequência, para o comércio desta e doutras plantas, tal era a relevância do seu uso na vida das pessoas e dos povos. Com efeito, enquanto perfume, também é tomado como símbolo do amor entre namorados e esposos, como sucede no livro sapiencial *Cântico dos Cânticos* (*Canticum Canticorum*). Depois de o homem declarar o seu amor à mulher, socorrendo-se de diferentes árvores aromáticas (*Cant.* 4.13-14):

13 propagines tuae paradisi malorum puniceorum
cum optimis fructibus,
cypri cum nardo.
14 Nardus et crocus,
fistula et cinnamomum
cum universis lignis turiferis,
myrrha et aloe
cum omnibus primis unguentis⁶.

-
- 4 *Liber Psalmorum* in *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*. Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II Ratione Habita Iussu Pauli PP. VI Recognita Auctoritate Ioannis Pauli PP. II Promulgata. *Editio typica altera*. Constitutio Apostolica. Praefatio ad Lectorem. Praenotanda. Vetus Testamentum. Novum Testamentum. Appendix. URL: http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_index_lt.html (última consulta: 2013.11.18).
- 5 *Biblia Sagrada*, para o Terceiro milénio da Encarnação, versão dos textos originais, coordenação geral de Herculano ALVES (*ofmcap*). Lisboa, Difusora Bíblica, 2003, p. 885.
- 6 *Canticum Canticorum* in *Nova Vulgata...*, op. cit.

Os teus rebentos são um pomar de romãzeiras
com frutos deliciosos
com alfenas e nardos,
nardo e açafraão,
cálamo e canela,
com toda a espécie de árvores de incenso,
mirra e aloés,
com todos os bálsamos escolhidos⁷.

Neste contexto, não deixará de se revelar útil uma pequena nota hermenêutica. Com efeito, a leitura do livro *Cântico dos Cânticos*, de natureza poética e à maneira de um epitalâmio, quase sempre esteve marcada por uma transposição de sentido, que faz dele uma alegoria, em que o amado é Deus ou o Messias, novo Salomão, e a amada é Israel ou a Igreja, como nova comunidade de Israel⁸.

Segundo a opinião autorizada de Santiago Segura Munguía, no seu monumental tratado *Historia de las Plantas en el mundo antiguo*, capítulo “Las plantas en la Biblia”, o balsameiro ou bálsamo, actualmente conhecido por bálsamo de Gileade ou mirra de Meca, referenciado neste livro sapiencial é a espécie *Commiphora gileadensis*⁹. E traz à colação este passo do capítulo quinto, versículo primeiro deste livro bíblico:

Veni in hortum meum, soror mea, sponsa;
messui myrrham meam cum aromatibus meis,
comedi favum cum melle,
bibi vinum cum lacte meo.
Comedite, amici, et bibite
et inebriamini, carissimi¹⁰.

Entrei no meu jardim, minha irmã e minha esposa,
colhi a minha mirra e o meu bálsamo,
do meu favo de mel,
bebi o meu vinho e o meu leite.

7 Cf. *Bíblia Sagrada...* op. cit., p. 1055.

8 Cf. *Bíblia Sagrada...*, op. cit., p. 1051.

9 Santiago SEGURA MUNGUÍA y Javier TORRES RIPA, *Historia de las plantas en el mundo antiguo*. Bilbao, Universidad de Deusto; Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2009, p. 41.

10 *Canticum Canticorum...*, op. cit.

Comei, ó companheiros, bebei
e embriagai-vos, ó bem-amados!¹¹

Se se recuar ao primeiro livro do Pentateuco, o *Génesis* (43.11), lá se poderá ler a decisão de Jacob prender seu ignorado filho José com os melhores produtos do seu país e, de entre eles, menciona-se o bálsamo. Um facto que testemunha a possibilidade de este artigo de comércio ser exportado para o Egipto, já no tempo dos Patriarcas, conforme menção a “uma caravana de ismaelitas que vinha de Guilead. Os camelos estavam carregados de aroma, bálsamo e láudano, que levavam para o Egipto”¹² (*Ismaelitas viatores venire de Galaad et camelos eorum portantes tragacanthum et masticem et ladanum in Aegyptum*)¹³, como se lê num passo anterior deste mesmo livro (37.24-25). Talvez por isso, este seja o bálsamo bíblico mais afamado, assim como de todo o Próximo Oriente Antigo. Chegando a valer o dobro do seu peso em ouro, em tempos imemoriais, segundo a tradição, este perfume era uma resina balsâmica extraída de uma planta, possivelmente a *Commiphora gileadensis*, segundo outras opiniões, como adiante se verá. E não faltam, nas Sagradas Escrituras, referências às suas propriedades medicinais, nomeadamente como adjuvante na cicatrização das feridas, como se pode ler num passo do livro do profeta Jeremias (51.8)¹⁴, ainda que, neste caso, de forma metafórica, pois o profeta busca remédio para curar as feridas de uma Babilónia arruinada:

Subito cecidit Babylon
et contrita est. Vlulate super eam.
Tollite resinam ad dolorem eius
si forte sanetur¹⁵.

De repente, caiu a Babilónia
e ficou arruinada. Chorai por ela!
Procurai o bálsamo para a sua ferida,
a ver se ainda pode sarar¹⁶.

11 *Bíblia Sagrada...*, op. cit., p. 1055.

12 *Bíblia Sagrada...*, op. cit., p. 77.

13 *Liber Genesis*, in *Nova Vulgata...*, op. cit.

14 Para além destes passos citados, há outros da Bíblia Sagrada que nos remetem para a identificação da *Commiphora gileadensis*: Exod. 30.23; 1Reg. 10.10; 2Reg. 20.13; Esth. 2.12; Prov. 2.12, 7.17; Cant. 1.13, 4.6, 5.1, 5.5, 5.13; Is. 39.2; Jer. 8.22, 46.11, 51.8; Ezech. 27.17; Mtth. 2.11; Marc. 15.23; Ioh. 19.39; Apoc. 18.13. Abreviaturas segundo o *Thesaurus Linguae Latinae*.

15 *Liber Genesis*, in *Nova Vulgata...*, op. cit.

16 *Bíblia Sagrada...*, op. cit., p. 1318.

2. DA NATUREZA DO BÁLSAMO

Depois da imagem bíblica acima mencionada, será oportuno explicar o que se entende por bálsamo. De facto, numa consulta ao dicionário de Houaiss, o leitor vai deparar-se com uma entrada subdividida em treze apartados. No primeiro, adianta-se a etimologia (*balsamum* < βάλσαμον) e uma primeira acepção, registando-se que é uma “substância aromática exsudada por muitas plantas, composta de resinas, óleos essenciais, ácido benzoico, cinâmico e seus ésteres; muito us. em perfumaria e farmácia”. Numa segunda acepção, fala-se “na medicina caseira, infusão de plantas narcóticas em óleo, com que se friccionam regiões doloridas do corpo” (bálsamo-tranquilo). Por derivação metonímica, temos aroma agradável e penetrante; no sentido figurado, como já se viu acima, significa consolo, alívio; depois, segue-se a indicação de um arbusto (*Cotyledon orbiculata*) e de uma erva (*Othonna cylindrica*). Nesta sequência, abre-se agora o nosso entendimento à consideração de cinco árvores: bálsamo-de-tolu (*Myroxylon balsamum*) ou bálsamo-do-peru (*Myroxylon balsamum* var. *pereirae*); cabriúva-do-campo (*Myrocarpus fastigiatus*); copaíba (*Copaifera officinalis*), copaíba-vermelha (*Copaifera langsdorffii*) e copaíba-jutaí (*Copaifera martii*). No dicionário de Michaelis, vai encontrar-se a menção ao famoso bálsamo-de-gilead, não só no sentido de uma pequena árvore (*Commiphora gileadensis*)¹⁷, de cujas folhas se desprende um cheiro aromático forte, quando pisadas, mas também como oleoresina aromática, amarela ou esverdeada, com gosto algo amargo, obtida dessa árvore e apreciada especialmente em tempos bíblicos como unguento e cosmético; acrescenta, depois, que é o mesmo que bálsamo-judaico ou bálsamo-de-meca. Quer o dicionário de Michaelis, quer o de Aulete, registam a palavra balsameiro para designar a *árvore* que produz o *bálsamo*.

3. O BÁLSAMO EM AMATO LUSITANO

E assim se foi fazendo o caminho até aos textos do humanista albicastrense, respectivamente no *Index*¹⁸ e nas *Enarrationes*¹⁹, livro primeiro: em ambos os tratados²⁰, a entrada coincide com

17 Como sinónimos: *amyris gileadensis*.

18 INDEX DIOSCORIDIS. / En candide Lector. / HISTORIALES DI- / oscoridis campi, Exegemataque sim- / plicium, atque eorundem Collationes / cum his quae in officinis habentur, ne / dum medicis et Myropolio- / rum Seplasiarijs, sed Bona / rum literarum studio / sissimis perquam / necessarium / opus. / IOANNE RODERICO CASTE / li albi Lusitano autore. / EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI- / dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.

19 IN DIOSCORIDIS / ANAZARBEI DE MEDICA / MATERIA LIBROS QVINQVE / ENARRATIONES ERVDITISSIMAE / DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI / AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, / quibus non solum Officinarum Seplasia- / rijs, sed bonarum etiam literarum stu- / diosis utilitas adfertur, quum pas- / sim simplicia Graecae, Latine, / Italice, Hispanice, Germa- / nice, & Gallice pro- / ponantur. / Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. / VENETIIS. MD LIII.

20 Para um conhecimento aprofundado das várias edições das obras do médico humanista albicastrense,

o número xviii / 18. No primeiro texto, publicado em Antuérpia, em 1536, é este o registo: “Graece, βάλαμον, ὀποβάλαμον, χιλοβάλαμον; Latine, balsamum, liquor balsami, lignum balsami; Vulgo, balsamo”. Nas *Enarrationes*, que são publicadas já em Itália, na cidade de Veneza, corria o ano de 1553, o texto que se ocupa das diferentes designações desta planta já se apresenta mais desenvolvido, talvez um reflexo da sua experiência acumulada de mercador, como irá ser referido mais abaixo, a que se aliou a de professor na Universidade de Ferrara²¹: “Graece, βάλαμον, ὀποβάλαμον, ξυλοβάλαμον, καρποβάλαμον; Latine, balsamum, liquor balsami, lignum balsami, fructus balsami; Vulgo, balsamo, olio de balsamo, legno de balsamo, semente de balsamo”. Como se pode depreender, às diferentes designações vão corresponder, por sua vez, diferentes naturezas do bálsamo. E com isso, Amato Lusitano desvela a sua faceta tão característica de médico e filólogo do Renascimento²², um humanista “não apenas por ter escrito em bom latim as suas obras, mas por toda a sua educação e cultura que iam muito além da formação profissional do médico”, como havia de registar o Professor Costa Ramalho²³.

Para além de mais desenvolvido, também se nota que a explanação dos assuntos se faz segundo um estilo mais cuidado, revelador de um domínio crescente, por parte de Amato, da língua latina, o grande veículo universal da cultura da época. Ora esta evolução parece denunciar as dificuldades que o movimento humanista havia de vencer paulatinamente para se impor no reino de Portugal, a partir de influências vindas de Itália, como há pouco havia de sublinhar Nair Castro Soares:

A grande abertura ao Humanismo de matriz italiana, ao longo de sucessivas décadas, não bastaria para comprovar a afirmação e difusão do Humanismo em Portugal. Necessária se tornava a renovação dos estudos, segundo o programa humanista, os métodos pedagógicos da educação nova, que caracterizam este movimento, tanto na Gramática como na Retórica, como na produção de textos literários.

vide João José Alves DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

- 21 A propósito da viagem de Amato até esta cidade italiana e da diáspora sefardita, vide António Manuel Lopes ANDRADE, “De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua Família”, *Medicina da Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI — Cadernos de Cultura* 25 (2011), pp. 5-16.
- 22 Virgínia Soares PEREIRA, “Relato hagiográfico e memória clínica. Afinidades na organização discursiva de André de Resende e de Amato Lusitano”, in José A. SÁNCHEZ MARÍN y M^a Nieves MUÑOZ MARTÍN (eds.), *Retórica, Poética y Géneros Literarios*. Granada, Universidad de Granada, 2004, pp. 289-312.
- 23 Mario SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991, p. 3 (Prefácio).

Apesar do ambiente favorável da corte portuguesa, decisivo para a propagação do Humanismo, estes novos métodos pedagógicos impuseram-se não sem algum conflito, ou mesmo resistência da instituição universitária, tanto em Portugal como em Espanha²⁴.

Seguem-se, agora, as autoridades citadas por Amato Lusitano e o pensamento delas. Por último, as propriedades do bálsamo, segundo a opinião do cristão-novo português.

3.1. Teofrasto (c. 371 — c. 287 a. C.)

Ao contrário do que sucede no *Index*, o médico humanista vai fazer referência, nas *Enarrationes*, ao tratado da *História das Plantas* de Teofrasto, filósofo grego que havia de suceder a seu mestre Aristóteles na direcção do Liceu, corria o ano de 322 a. C. Depois de dizer que “o bálsamo é uma espécie de arbusto, que tem ramos de videira flexíveis e delgados, do comprimento de três côvados”²⁵ (*Balsamum, arbuscula quaedam est, tricubitales uirgas, et illas quidem viticosas habens*), ele acrescenta que

... nec ab hac magnitudine multum recedit, mali punici arbor, cui Theophrastus libro 9 de Plantarum historia, capite 6 similem fecit: nam folia ut ibidem inquit, perpetua illi sunt, nec unquam decidunt, virentia rutae foliis perquam simillima, multo tamen candidiora²⁶.

... não se afasta muito deste tamanho a árvore da romãzeira, a que Teofrasto, no livro 9 *Da história das plantas*, capítulo 6, reconhece uma mesma semelhança: pois as folhas, como ele diz aí mesmo, são perenes, isto é, nunca caem, são verdes e muito semelhantes às folhas da arruda, mas muito mais brancas.

E se Amato, já no *Index*, aponta como berço do bálsamo a região da Judeia e o Egipto, agora vai socorrer-se da opinião do autor de *Os Caracteres* para afirmar que ele cresce exclusivamente na Síria (*Nascitur arbor haec, ut refert Theophrastus, in Syria tantum*). A consulta feita a esta fonte leva-me a afirmar que o humanista omite, por agora, como se verá mais abaixo, a informação de

24 Nair de Nazaré Castro SOARES, “O primeiro humanismo ibérico”, in Italo PONTANI, Margarida MIRANDA & Henrique MANSO (coords.), *Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra / Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; Roma, Sapienza, Universidade de Roma, 2014, p. 21 (Série *Humanitas Supplementum*).

25 Medida antiga de comprimento, equivalente a 66 cm.

26 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 33.

que esta planta se cultiva exclusivamente nas hortas (Thphr., *HP* 9.6.1). Segundo a sua opinião, em parte alguma se encontra o bálsamo silvestre (Thphr., *HP* 9.6.4). Por outro lado, Teofrasto refere explicitamente que está a caracterizar a *Commiphora gileadensis*²⁷.

Pode ainda acrescentar-se que Amato reconhece no criador da Botânica científica na Antiguidade uma fonte de informação de Plínio-o-Velho, como se verá abaixo, ao tratar deste historiador e cientista romano.

3.2. Pedânio Dioscórides (? — c. 56 d. C.)

No *Index*, Amato Lusitano vai dar-lhe destaque na entrada, ao intitular um dos três parágrafos com *Historia Dioscoridis*²⁸. É esta a súpula apresentada:

Balsamum arbuscula est quae violae aut licii, quod pyxacantha id est buxea spina etiam dicitur magnitudine crescit, rutae folia habet, multo tamen candidiora perpetuaque. Fronde magis virentia in Iudaea eiusque convalle quadam tantum et in Aegypto nascitur²⁹.

O bálsamo é um arbusto que cresce até à altura da violeta ou do lício³⁰ e é também designado por escambroeiro³¹, isto é, buxo espinhoso; tem folhas parecidas com a arruda, mas muito mais brancas e perenes e mais viçosas na sua copa; nasce na Judeia, apenas num certo vale, e no Egípto.

A leitura deste passo revela uma evolução de pensamento do texto do *Index* para as *Enarrationes*. Com efeito, na descrição apresentada nos *Comentários*, o humanista albicastrense vai comparar a altura do balsameiro com o lício pixacanto (*licium pixacanthem*) e deixa para trás

27 TEOFRASTO, *Historia de las plantas*, introducción, traducción y notas por José María DÍAZ-REGAÑÓN LÓPEZ. Madrid, Editorial Gredos, 2008, p. 453. Aqui fala-se do bálsamo-de-meca, embora se possa afirmar que se trata da *Commiphora gileadensis*, referida na Bíblia como mirra-de-meca ou bálsamo-de-gileade.

28 Neste século XVI, para além de João Rodrigues de Castelo Branco, outros nomes importantes se dedicaram ao estudo do tratado *De materia medica* de Dioscórides, como João Ruélio, Hermolao Bárbaro, Andrés Laguna, Pietro Andrea Mattioli, Marcelo Virgílio... Acerca da influência deste último médico humanista no pensamento de Amato Lusitano, vide João Manuel Nunes TORRÃO, "Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações)", in Maria Cristina PIMENTEL, Paulo F. ALBERTO (eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2013, pp. 601-609.

29 AMATO LUSITANO, *Index Dioscoridis...*, op. cit., p. 7v.

30 Arbusto espinhoso, provavelmente por ser citado por Dioscórides, *Rhamnus catartica* L., o espinheiro-cervina.

31 O mesmo que catapereiro, isto é, pereira silvestre (*Pyrus bourgaeana* Decne.) em que se enxertam pereiras cultivadas (*Pyrus communis* L.).

a sua comparação com outra planta, uma espécie de buxo espinhoso (*buxea spina*), o que nos parece indicar uma maior preocupação de rigor na designação. Diz ele:

Balsamum, arbuscula quaedam est, tricubiales uirgas, et illas quidem viticosas habens, huius enim proceritatis ac magnitudinis, albam violam, uel licium pixacanthem, nasci novimus, quibus Dioscorides eam similem facit³².

O bálsamo é uma espécie de arbusto, que tem ramos de videira flexíveis e delgados, do comprimento de três côvados, e contudo sabemos que desta altura e desta grandeza há a violeta branca ou o lício pixacanto, semelhante aos quais Dioscórides considera esta espécie de arbusto.

Em contrapartida, vai citar agora, por comparação, uma outra árvore, a romãzeira (*Punica granatum* L.) (Thphr., *HP* 9.6.1), como já vimos acima, no apartado dedicado a Teofrasto, o que atesta uma preocupação de maior rigor na consulta das fontes. Mas Amato não se esquece de dizer, a propósito, numa advertência ao leitor, que Dioscórides discorda desta opinião (*in quam sententiam Dioscoridem in praesenti ire animadvertimus*).

Quanto à região onde ele é cultivado, lá vem, uma vez mais, o recurso ao médico grego, que muito provavelmente assistiu as legiões romanas no oriente, para sustentar a afirmação de que esta planta nasce não só no vale da Judeia, mas também no Egipto, o que é uma novidade relativamente ao pensamento de Teofrasto:

Dioscorides vero non solum in convalle Iudaeae quadam, sed Aegyptio quoque; nasci fatetur, quod ita esse certi sumus³³.

Com efeito, Dioscórides reconhece que ele nasce não só num vale da Judeia fechado por todos os lados, mas igualmente no Egipto, coisa de que estamos certos que assim é.

Quanto à maneira de colher o suco do bálsamo, o opobálsamo, também se aponta o processo descrito pelo médico grego (I.19)³⁴, que é comum ao mencionado por Teofrasto (*HP* 9.6.2), ou seja, a partir de uma incisão feita na árvore com um gancho de ferro:

32 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 33.

33 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 33.

34 DIOSCÓRIDES, *Plantas y remedios medicinales (De materia medica)*, introducción, traducción y notas de Manuela GARCÍA VALDÉS, Tomo I. Madrid, Editorial Gredos, 1998, pp. 127-129.

Vocant vero opobalsamum, balsami liquorem, ardentissimo canis aestu exceptum, qui eo tempore, vulnerata arbore, fluit non ut Theophrasti, aut Dioscoridis temporibus, ferreis unguibus, fiebat, sed ...³⁵

Na verdade, chamam-lhe opobálsamo, o suco do bálsamo, extraído pelo calor muito ardente da canícula, que nesse tempo flui da árvore rasgada com um gancho de ferro em forma de unha, não como sucedia nos tempos de Teofrasto e de Dioscórides, mas ...

A colheita deste opobálsamo, ainda nos anos mais fartos, nunca ultrapassaria os vinte e um litros por ano; daí, pois, a inflação do seu preço, condicionado pelas leis de mercado, como é hábito dizer-se hoje:

Deprehenditur autem optimum opobalsamum si laneae vesti instillet maculam non relinquat, si lacti instilletur coagulet aquae aut lacti infusum: quamprimum disiciat et lactis modo albescat, vetustate crassescit, sed generositatem amittit, interdum enim novum est sive mustum; colorem habet candidum et oleo crassiori simile est, deinde rubescit, postea durescit, et translucidum sit; optimum modice ruffum esse debet, secundum bonitatis locum obtinet album, tertium viride, peius nigrum; nec illius copiosius quotannis sex septemue congiis, ut Dioscorides tradit colligebatur. (...) Item, inquit Dioscorides, rependitur quo loco nascitur, duplo ad pondus eius argento...³⁶

Descobre-se, contudo, que o melhor opobálsamo, se ele se derramar num tecido de lã, não deixará mancha; se ele se derramar no leite, coagulá-lo-á. Derramado sobre a água ou o leite, espalha-se quanto antes e começa a ficar branco à maneira do leite, torna-se espesso com o tempo, mas perde a sua boa qualidade, pois, entretanto, fica fresco ou adocicado; tem uma cor branca e é parecido com um óleo mais espesso; em seguida, fica vermelho, depois torna-se duro e poderá ser transparente; *o melhor deve ser medianamente vermelho; o branco ocupa o segundo lugar de boa qualidade; o verde ocupa o terceiro lugar; o pior é o negro*; nem se colhia, de forma mais copiosa, todos os anos, seis ou sete côngios dele, como conta Dioscórides. (...) Do mesmo modo, como diz Dioscórides, no lugar em que nasce, compensa-se o seu peso com o dobro da prata ...

35 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 34.

36 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., pp. 34-35.

No texto, destacou-se o passo que se deve exclusivamente à inspiração de Plínio-o-Velho (12.54.120)³⁷, outra das autoridades invocadas e da qual se irá tratar logo de seguida.

Falando do carpobálsamo, isto é, da semente do bálsamo, Amato vai instruir os leitores a distingui-lo da sua falsificação, a semente do hipericão ou hipérico, como também se pode designar:

Secundas vero, carpobalsamum bonitate obtinet, quod ut bonum dicatur, decet russum plenum grande ponderosum fervidae cuiusdam in gustu mordacitatis, et odoratum sit; unde facile diiudicari potest, quod hoc tempore in officinis granum pro semine balsami receptum, balsami semen non est, cum oppositas omnino in eo qualitates videamus; nam subnigrum est leve evanidum nec gustui mordax imo parum aut nihil odoratum, ut facile inclinet animus credere, hoc officinarum carpobalsamum, non balsami, sed verius semen illud hyperico simile, quod ex Petra Palestinae oppido affertur, quo olim (testante id Dioscoride) adulterabatur³⁸.

Com efeito, o carpobálsamo obtém pela sua qualidade as segundas escolhas e para que ele se possa chamar bom, convém que seja vermelho, grosso, grande, pesado, de um sabor picante e ardente, e aromático; daí que pode ser fácil distinguir-se o grão que, nesta altura, se recebe nas boticas em vez da semente de bálsamo; não é a semente de bálsamo, visto que vemos nele qualidades completamente opostas. De facto, ele é um tanto negro, leve, sem consistência, sem sabor picante e, pelo contrário, pouco ou nada aromático, de tal maneira que o espírito facilmente se inclina a acreditar que este carpobálsamo das boticas não é a semente do bálsamo, mas é mais verdadeiramente uma outra semente parecida com o hipérico (*Hypericum*, muito provavelmente o *Hypericum androsaemum* L.), que é trazido da cidade de Petra, na Palestina, com o qual outrora se falsificava, testemunhando Dioscórides esta informação.

Na continuidade, o médico humanista albicastrense vai falar do xilobálsamo, isto é, dos ramos ou da própria madeira do balsameiro. Observa, depois, que Dioscórides se esqueceu de referir o seu valor para os medicamentos:

Tertias vero bonitatis dotes ad Dioscoridis mentem xylobalsamum obtinet, quod tam a vero illo quod officinae illius loco monstrant, abest, quantum peniculum ab arca differre

37 PLINE L'ANCIEN, *Histoire Naturelle*, Livre XII, texte établi, traduit et commenté par A. ERNOUT. Paris, Les Belles Lettres, 1949, pp. 57-58; PLINIO EL VIEJO, *Historia Natural*. Madrid, Editorial Gredos, 1995.

38 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 35.

animadvertimus, cum praeter gracile esse, nihil cum ligno balsami veri habeat; hoc vero ut tradit Plinius in unguentis coquitur, et pro succo ipsum substituere officinae. Corticis etiam ad medicamenta pretium est, quod Dioscorides siluit, praecipua autem (subdit) gratia, lachrimae; secunda semini; tertia cortici; minima ligno...³⁹

No pensamento deste, conserva as terceiras escolhas o xilobálsamo pelos seus dotes de qualidade, o qual está tão afastado daquele, que as boticas mostram em substituição daquele mesmo, quanto para nós vemos que uma vassoura é diferente de uma arca, porque para além de ser miúdo, nada tem em comum com o lenho do verdadeiro bálsamo; realmente, como diz Plínio, este prepara-se nos unguentos e as boticas substituíram-no pelo suco do bálsamo. Além disso há o valor da casca para os remédios, que Dioscórides passou em silêncio, mas o primeiro reconhecimento é da lágrima (ver também abaixo); o segundo é da semente; o terceiro pertence à casca; o mais pequeno é do lenho ...

E aos poucos foram evoluindo três conceitos distintos: o opobálsamo, o carpobálsamo e o xilobálsamo.

3.3. Plínio-o-Velho (c. 24 — 79 d. C.)

Na descrição da planta do bálsamo, já Teofrasto e Dioscórides, como se viu acima, falam na semelhança das suas folhas com as da arruda (*Ruta graveolens* L.), o que sucede também com Plínio-o-Velho. Contudo, Amato parece estar equivocado quanto à identificação do passo na obra deste escritor romano, natural de Como, uma comuna italiana da região da Lombardia:

... nec Plinius libro 12. capite 25. ubi de ea tanquam de re sibi conspecta iudicium fert, ab illis dissentit; quin imo folium proximum rutae, perpetua coma, habere affirmat⁴⁰.

... nem Plínio, no livro 12, capítulo 25, onde dá o seu parecer acerca dela, como se o desse acerca de uma coisa vista por si, discorda deles, pois até afirma que ela tem uma folha mais próxima da arruda, uma folhagem perene.

39 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 35.

40 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 33.

Com efeito, neste passo, nas edições usadas actualmente, Plínio fala do *costo* arábico (*costus arabicus / adix costi*); só no capítulo 25, parágrafo 112⁴¹, mesmo no fim, se identifica esta frase a propósito do bálsamo: *folium proximum tuburi, perpetua coma*, isto é, de folha muito parecida com a da azaroleira. Ou será que se pode traduzir por arruda, como nos indica a versão francesa? Por outro lado, Amato ao usar a expressão “de uma coisa vista por si”, eventualmente está a recordar-se que Plínio esteve na Síria, no tempo do imperador Vespasiano, seu amigo, numa missão militar e administrativa, entre os anos 69 e 70 d. C.

No que se refere ao local do seu cultivo, retoma o pensamento dado a conhecer no *Index*, no parágrafo intitulado *Iudicium nostrum*; por isso transcrevemos a partir das *Enarrationes*:

Nascitur arbor haec, ut refert Theophrastus, in Syria tantum, unde Plinius eleganter ut solet libro 16. capite 32. Fastidio balsamum (inquit) alibi nasci natura, quam in Syria noluit ferre: subscribens vero ille Theophrasti verbis libro 12. Ita quoque, inquit, balsamum uni terrae Iudaeae concessum, quondam in duobus tantum hortis utroque; regio, altero iugerum viginti non amplius, altero pauciorum⁴².

Esta árvore cresce, como menciona Teofrasto, somente na Síria, daí que Plínio, com o discernimento que lhe é habitual, no livro 16, capítulo 32, diga que o bálsamo, por desdém, não quis nascer em outro lugar, por uma razão natural, e não quis produzir senão na Síria”, subscrevendo, na verdade, com as palavras de Teofrasto, no livro 12. Assim, do mesmo modo — diz ele — que o bálsamo é atribuído à única terra da Judeia, outrora em apenas duas hortas; numa, que pertence ao rei, com vinte jeiras e não mais, noutra de poucas.

De novo se coloca a questão há pouco mencionada: uma consulta às edições modernas revela que, em vez da indicação do capítulo 32, se devia ter registado o capítulo 59, parágrafo 135. A esta distância, com naturalidade se aceita que a edição humanista consultada por Amato apresentasse estas discrepâncias na identificação dos passos citados.

41 PLINE L'ANCIEN, *Histoire Naturelle...*, op. cit., pp. 55-56.

42 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 33.

Amato⁴³ socorre-se ainda da autoridade de Plínio para afirmar que o aroma do bálsamo era, de longe, o mais preferido (12.54.111)⁴⁴. Mais acrescenta que o suco, o denominado opobálsamo, deve ser extraído a partir de uma incisão feita na árvore com um vidro (12.54.115)⁴⁵, ao contrário do que afirmaram Teofrasto e Dioscórides, como já se viu acima:

... reconditae (...) tantum suavitatis, ac iucundissimi odoris, ut merito Plinius omnibus odoribus balsamum praeferri dixerit: vocant vero opobalsamum, balsami liquorem, ardentissimo canis aestu exceptum, qui eo tempore, vulnerata arbore, fluit (...) sed potius ut Plinius testatur, vitro, lapide, osseisve cultellis, cum ferro laedi vitalia odit, et protinus emoritur⁴⁶.

... é de uma tão grande e recôndita suavidade e de um aroma tão agradabilíssimo que Plínio teria dito que o bálsamo, por seu merecimento, era preferido a todos os outros aromas. Na verdade, chamam-lhe opobálsamo, o suco do bálsamo, extraído pelo calor muito ardente da canícula, que nesse tempo flui da árvore rasgada (...) de preferência, como atesta Plínio, com um vidro, com uma pedra ou então com pequenas facas de osso, já que receia que as partes vitais sejam feridas com o ferro e acabe por morrer logo de seguida.

Na verdade, Plínio (12.54.115) ainda fala do uso de uma pedra ou de instrumentos cortantes de osso (*inciditur vitro, lapide osseisve cultellis*). Como ele adianta, as árvores não suportavam ser tocadas, nas suas partes vitais, com o ferro, pois morriam imediatamente; contudo, a sua poda já podia ser feita com instrumentos de ferro (*ferro laedi uitalia odit, emoritur protinus, eodem amputari superuacua patiens*).

3.4. M. Juniano Justino (c. séc. II d. C.)

Trata-se de um historiador romano, muito provavelmente da época do imperador Adriano (117-138), conhecido pelo epítome que fez dos 44 livros das *Historiae Philipicae*, obra de um

43 Com propósitos distintos dos seus, até porque a história lhe haveria de reservar um lugar destinado a porventura um dos maiores poetas do nosso humanismo quinhentista, Diogo Pires, poeta eborense e seu parente, com formação médica, também se vai ocupar de plantas medicinais e a ervas aromáticas. Para mais pormenores, vide Virgínia Soares PEREIRA, "Plantas de uso terapêutico e alimentar em Amato Lusitano e Diogo Pires", in António ANDRADE, João TORRÃO, Jorge COSTA e Júlio COSTA (orgs.), *Humanismo, Diáspora e Ciência (séculos XVI e XVII): estudos, catálogo, exposição*. Porto, Câmara Municipal do Porto, Biblioteca Pública Municipal; Aveiro, Universidade de Aveiro, Centro de Línguas e Culturas, 2013, pp. 313-326.

44 PLINE L'ANCIEN, *Histoire Naturelle...*, op. cit., p. 55.

45 PLINE L'ANCIEN, *Histoire Naturelle...*, op. cit., p. 56.

46 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 34.

outro historiador romano, Pompeio Trogo, de quem pouco se sabe. Apenas que viveu na época de Augusto, tendo sido natural da Gália Narbonense, e do qual há escassas informações veiculadas por Plínio-o-Velho e por um tal Carísio⁴⁷. Também a sua autoridade é chamada por Amato à colação, com menção ao enriquecimento dos habitantes de Jericó:

Quo vero in loco Iudaeae balsamum proveniat, Iustinus historicus e Pompeio Trogo tradit libro 36. qui post multa et varia citata nugamenta in hunc modum inquit: opes genti ex vectigalibus opobalsami crevere, quod in iis tantum regionibus gignitur, est namque; vallis, quae continuis montibus velut muro quodam cincta instar hortorum clauditur, spatium loci ducenta millia iugera nomine Hierico dicitur; in ea valle silva est, et ubertate et amoenitate insignis, siquidem palmeto et opobalsamo distinguitur, et arbores opobalsami formam similem pineis arboribus habent, nisi quae sunt humiles magis, et in vinearum morem excoluntur: haec certo tempore anni balsamum sudant. Haec Iustinus. In quibus inquit, balsamum in Hiericho Iudaeae nasci, quod ita esse tradidit Iosephus Hebraeorum magnus historicus⁴⁸.

Com efeito, por isso o bálsamo pode crescer neste lugar da Judeia, como o historiador Justino conta a partir de Pompeio Trogo, no livro 36, o qual depois de muitas e variadas ninharias ligeiras diz deste modo: as riquezas desta gente cresceram à custa dos impostos do opobálsamo, porque se produz tão-somente nestas paragens; na verdade, este vale que, rodeado por uma cordilheira de montanhas como se fosse um muro fortificado, à semelhança das hortas, tem uma extensão de duzentas mil jeiras e é denominada Jericó. Neste vale há uma floresta, notável pela sua fertilidade e pela sua amenidade, visto que se distingue por um palmar e pelo opobálsamo; as árvores do opobálsamo têm uma forma semelhante às árvores de pinho, embora sejam mais baixas e se cultivem à maneira das videiras; estas árvores destilam bálsamo numa determinada época do ano. Estas palavras são ditas por Justino e nelas diz que o bálsamo nasce em Jericó da Judeia, o que José dos Hebreus, o grande historiador, transmitiu como foi dito.

E não falta a referência a um outro grande historiador, desta feita judeu, Flávio Josefo (c. 38 — 103 d. C.), por vezes também designado por Flávio José.

47 Cf. Ettore PARATORE, *História da Literatura Latina*, tradução de Manuel LOSA, S. J.. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 517.

48 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 33.

3.5. Galeno (129 — 199 d. C.)

Um dos maiores médicos da Antiguidade, e texto obrigatório na Universidade Medieval, a autoridade de Galeno também aqui é invocada a propósito da falsificação do bálsamo. É que Amato queixa-se de que, no seu tempo, raramente lhe chegava às mãos o verdadeiro:

Raro hodie pretiosissimus liquor iste opobalsamum dictum ad nos verum et sincerum affertur: imo multis mixtum, adulterinum et falsum e Graecia delatum, cuius causa Galenus, ut verum a falso dignosceret, in Iudaeam navigavit ut libro de Antidotis legitur, ad hunc modum dicens: inde opobalsami et cinnamomi in praedictis versibus Andromachus meminit, in quibus post traditas a Dioscoride notas, maximum est ea prius inspexisse, in qua regione unum quodque; ipsorum praestantissimum gignitur, quemadmodum ego conatus sum, sciens opobalsamum variis adulterari modis, ut aegre possit dignosci, ipse videre quomodo id liquorem fundat, ac inde ceu regulam quandam aliorum obtinere: porro didici multas ipsius adulterationes, ut etiam exercitatissimos lateant, quas publicare scientes non dignum aestimo, ne pravi ipsas in transcurso discentes, in opere ad malas actiones transferant. Haec ille⁴⁹.

Hoje, raras vezes, este suco preciosíssimo, designado opobálsamo verdadeiro e puro, é trazido até nós; pelo contrário, misturado com muitos unguentos, adulterado, falsificado e trazido da Grécia, e por causa dele Galeno, com a intenção de distinguir o falso do verdadeiro, viajou por mar até à Judeia, como se lê no livro *Dos antídotos*, falando deste modo: “Andrômaco nos versos atrás referidos lembra-se do opobálsamo e do cinamomo e neles, depois dos sinais transmitidos por Dioscórides, o mais importante é ter examinado antes estas coisas: em que região cada um deles se produz e se torna mais notável e de que maneira eu próprio, ao saber que o opobálsamo é falsificado de várias maneiras e para poder fazer a custo o diagnóstico, me esforcei por ver como este derrama o líquido e ainda como obter uma certa regra dos outros. Assim, descobri muitas falsificações dele, embora escapem aos mais experientes, e não me julgo digno de as tornar públicas para que os corruptos as não aprendam na narração e as não transcrevam numa obra para as más actividades.” Estas são as suas palavras.

Para além de Galeno, é citado Andrômaco de Creta, médico de Nero (37-68 d. C.), que ficou famoso por ter transformado o célebre *Mitridaticum*, um antídoto universal do rei do Ponto, Mitridates VI Eupator (c. 130-63 a. C.), na *teriaga* (ou *triaga*), introduzindo um novo

49 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 34.

componente, considerado de grande importância, a carne de víbora; além disso, aumentou o número de ingredientes, de 54 para 63. Esta composição e o modo de preparação foi fixada em verso, para facilitar a sua memorização⁵⁰.

Retomando novamente o texto, Amato vai introduzir outra variedade de bálsamo, proveniente de uma nova terra das descobertas, o Peru, mas que é diferente do da Judeia ou daquele que é proveniente do Egito:

Quod vero opobalsamum e Peru noua regione adfertur, purum et sincerum esse crediderim, cum tantae sit refragantiae aut odoris, ut omnes alios praestantissimos odores antecellat; quod ut tradunt ii qui arborem illic viderunt, ex arbore pino persimilli non adeo tamen procera effluit colligiturque quod ut superioribus diebus deprehendimus, gustu pingue est, acutum diu in ore saporem retinens odoris suavissimi, ad belzuinum tendentis, nam color et illius substantia tanquam aquae mellis spissae erant, ut manifesto appareat, opobalsamum hoc non esse eiusdem speciei cum Iudaico, aut Aegyptio; quanquam Trogus Pompeius, ut diximus, arbores opobalsami, quae in Iudaea nascebantur pineis similes fecit, ita ut has herbusculas Peru delineasse visus sit⁵¹.

Na verdade, o opobálsamo que é trazido da nova região, do Peru [*Myroxylon balsamum* (L.) Harms, a que Lineu chamou *Toluifera balsamum* L.], eu poderei acreditar que ele é puro e não adulterado, embora seja de tão grande fragrância ou aroma que supera todos os outros aromas mais notáveis. Como dizem os que viram lá a árvore; dessa árvore muito semelhante ao pinheiro, mas nem, por isso, alta flui ou colhe-se aquilo que, como descobrimos nos dias anteriores, possui um paladar viscoso, que conserva na boca um sabor penetrante durante muito tempo, possui também um aroma suavíssimo, que pende para benjoim, pois a cor e a natureza dele eram espessas como se de uma água de mel se tratasse; como poderá saltar à vista de forma evidente que este opobálsamo não é da mesma espécie daquele da Judeia ou do Egito. Ainda que Pompeio Trogo, como dissemos, tenha considerado as árvores do opobálsamo, que nasciam na Judeia, semelhantes às árvores do pinho, de tal maneira que pareceu ter desenhado estas pequenas plantas, vindas do Peru.

A referência ao tema candente da sua época, a empresa dos descobrimentos, é feita com o apelo ao sentido da vista, “como os que viram lá a árvore”. Mais acima, a propósito da descrição de Plínio, também usa uma expressão que denuncia a mesma ambiência epocal, “de uma coisa

50 Cf. “Seitas ou escolas médicas em Alexandria”, in A. Tavares de Sousa, *Curso de História da Medicina. Das origens aos fins do Século XVI*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2019, pp. 83-86.

51 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 34.

vista por si”. Esta é uma atitude que, indubitavelmente, faz recordar dois célebres episódios, embora em vernáculo, descritos por Luís de Camões, mais tarde, na sua epopeia, sob a provável influência do *Roteiro da viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi à Índia, no ano de 1538*, mais conhecido por *Roteiro de Lisboa a Goa* (1538) de D. João de Castro (1500-1548)⁵², de que terá tido conhecimento a partir de cópias manuscritas. O primeiro desses episódios é a referência ao fogo-de-santelmo, no Canto V (18.1-2) de *Os Lusíadas*⁵³:

Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por Santo.

Na estrofe seguinte (V.19.1-3), a descrição da tromba de água:

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava): levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo.

Este conhecimento empírico, prático, na linha de pensamento de Duarte Pacheco Pereira (c. 1460-1533)⁵⁴, que nos é transmitido ao longo da sua única obra escrita que chegou até nós, o *Esmeraldo de Situ Orbis*, de 1508, é ainda reforçado pela experiência pessoal do médico humanista, judeu português, ao dizer-nos que ele próprio provou a nova substância vinda desse novo mundo, “um paladar viscoso”, “um sabor penetrante” “como descobrimos nos dias anteriores”. Mas desta experiência pessoal fica ainda o registo do sentido apurado do olfacto — “um aroma suavíssimo, que pende para benjoim” — ou da visão, como nesta expressão, “pois a cor e a natureza dele eram espessas como se de uma água de mel se tratasse”. Com efeito, aquando da sua passagem por Antuérpia, onde terá chegado porventura ainda nos últimos meses do ano de 1534⁵⁵, Amato envolve-se directamente nas actividades comerciais desta Feitoria da Flandres,

52 Armando CORTESÃO e Luís de ALBUQUERQUE (eds.), *Obras Completas de D. João de Castro*, edição crítica. Coimbra, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1982, 4 vols.

53 Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*, prefácio e fixação do texto de Hernâni CIDADE, il. Lima de Freitas. Lisboa, Círculo de Leitores,¹²1984.

54 Cf. Luís de ALBUQUERQUE, “Duarte Pacheco Pereira — O saber de experiência feito”, in *Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses Sécs xv e xvi*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 1987, pp. 157-173; Joaquim Barradas de CARVALHO, *Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira*, édition critique et commentée. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

55 Acerca das tribulações que o acompanharam à chegada a este empório, nas margens do rio Escalda, vide António Manuel Lopes ANDRADE, “As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno”, in *Medicina na Beira Interior: Da Pré-História ao século XXI — Cadernos de Cultura* 23 (2009), pp. 7-14 (reprodução disponível em http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol23.pdf).

aonde chegavam não só as especiarias mais vulgares, como as drogas mais raras. Mas também demandavam este porto produtos portugueses vindos da metrópole, como o azeite, vinho, sal, figos e passas, atum, entre outros. A este propósito, podem ser referenciados alguns testemunhos, na sua obra, como já foi escrito por Ricardo Jorge, no seu magnífico ensaio *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época* (1962)⁵⁶, o que demonstra o conhecimento, em particular, que o nosso médico humanista tinha acerca da exportação de produtos algarvios para a Europa⁵⁷.

No apartado dedicado a Dioscórides, mais acima, já se falou da maneira como se identifica o verdadeiro bálsamo.

Como também já se viu atrás, o médico de Anazarbo elaborou uma escala valorativa das diversas espécies de bálsamo. Nessa continuidade, vem à colação a opinião de Galeno:

... de quibus Galenus libro 6. Facultatibus simplicium medicamentorum ita posteritati scriptum reliquit: balsamum desicat et exalfacit secundo excessu; est autem et tenuium partium, adeo ut odoratum sit, sed liquor eius subtiliorum etiam partium est, quam planta ipsa, non tamen adeo calidus, ut quidam existimant, tenuitate partium falsi: porro fructus eius persimilis facultatis est, ceterum longe in subtilitate partium inferior. Hactenus Galenus⁵⁸.

... acerca destes valores, Galeno deixou escrito para a posteridade, no livro *Dos poderes dos medicamentos simples*⁵⁹, estas palavras: “o bálsamo seca e aquece na segunda retirada, logo é próprio das partes finas, para que seja aromático; porém, o suco das suas partes é mais subtil do que a própria planta, todavia não tão cálido, como alguns pensam, pela subtileza das partes; até o seu fruto é de poder muito semelhante, com tudo isso ele é de longe inferior na finura das suas partes.” Estas são as palavras de Galeno.

56 Nesta obra editada pelo Instituto de Alta Cultura, em Lisboa, são estes os passos identificados: figos (*Ficus carica* L.) e passas (*Vitis vinifera* L.) do Algarve, vendidas para a Europa Central e Setentrional (pp. 185-186; *Enarrationes* IV.158); a polpa bolbosa das palmeiras-anãs (*Chamaerops humilis* L.), frequente no Algarve, exportada para Antuérpia (pp. 196-197; *Enarrationes* I.137); o atum, pescado no Algarve e exportado para toda a Europa (pp. 201-202; *Enarrationes* II.30). Para mais pormenores, vide J. A. Romero MAGALHÃES, *Para o Estudo do Algarve Económico durante o século XVI*. Lisboa, Edições Cosmos, 1979, pp. 125-149.

57 Para mais pormenores acerca das actividades comerciais de João Rodrigues de Castelo Branco, vide António Manuel Lopes ANDRADE, “Ciência, negócio e religião: Amato Lusitano em Antuérpia”, in Inês Ornelas e CASTRO & Vanda ANASTÁCIO (coords.), *Revisitar os Saberes. Referências clássicas na Literatura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos. Lisboa, IELT — Universidade Nova de Lisboa, 2010, pp. 9-49.

58 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 35.

59 O estudo deste manual de Galeno foi introduzido na Università degli Studi di Padova em 1594, pelo médico e botânico italiano Prospero Alpino (1553-1617), conforme se lê em Regina Andrés REBOLLO, “A Escola Médica de Pádua: medicina e filosofia no período moderno”, *História, Ciências, Saúde — Manginhos* 17-2 (abr.-jun. 2010), pp. 307-331, *maxime* p. 312. Neste contexto, vem a propósito a menção a duas datas referenciadas neste estudo: em 1533, inicia-se o ensino da botânica, com Bonafede; para as práticas de botânica, havia de nascer um horto ou jardim público em 1545.

Sem dúvida que os Descobrimentos implementaram as trocas comerciais, em parte justificadas pela procura de especiarias e, com isso, alarga-se o conhecimento com o acesso a novas espécies animais, vegetais e minerais. Conhecimento e mercadorias essas que aportavam a Lisboa através do Tejo, rio tão celebrado por poetas e geógrafos, pelas suas auríferas areias, entretanto desaparecidas. Em compensação, no século XVI, as suas águas quantas frotas lançaram no largo oceano, diz o escritor Gaspar Barreiros, sobrinho de João de Barros, o autor das *Décadas*. E acrescenta ele na sua *Chorographia*, publicada em 1561:

Quâtas strellas nouamente achadas? Quâtas ilhas & segredos da natureza descobertos? Quâta diversidade de fontes, de rios, de lagos & de mares? Quâta nouidade de pedras, heruas, peixes, & outros animaes ignotos? Que maravilhosa qualidade de terras, de aruores, de plantas, fructos, legumes, & outros mâtímêtos? Que drogas? Que aromatas? E quâto numero de simples, em que Aristoteles, Theophrasto, Dioscorides & Galeno, teueram copiosa matéria para comporê historias naturaes? Que nouos costumes de gêtes? Que abominaueis ritos de nefandas religiões para mais confirmação da nossa? E en quâtas d' estas cousas poderam redarguir muitas q tam excelentes Philosophos & Geographos por certas screuêrã, cuja verdade acharam nestas armas & descobrirã nossas navegações? E o melhor de tudo quanto nobre sangue derramado, para q o de Christo se oferecesse a Deos nos lugares, onde nã somente o dos brutos animaes, mas inda o dos rationaes se oferecia ao demonio?⁶⁰

3.6. Os médicos contemporâneos

Neste apartado, vai apresentar-se o bálsamo de uma nova proveniência, agora do Peru, nas Américas, e apresenta-se uma súmula das propriedades do bálsamo, no âmbito da medicina curativa.

O bálsamo do Peru [*Myroxylon balsamum* (L.) Harms, a que Lineu chamou *Toluifera balsamum* L.]

Amato, à história tradicional acerca do lugar onde é cultivado, vai acrescentar a novidade que lhe é oferecida pela azáfama da empresa dos descobrimentos: o bálsamo proveniente do

60 Gaspar BARREIROS, *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXXVJ começa[n]do na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia ; co[m] algu[m]as outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte, por loã Aluarez, & por mandado do doctor Lopo de Barros do Desembargo d'el rei nosso senhor & conego da Se d'Euora, em Coimbra, 1561, fl. 42r.*

Peru, nas Américas; contudo, depois de experimentado e observado pelo próprio, ele é diferente do da Judeia, como se observou atrás; uma forma de estar típica da mentalidade quinhentista, como perpassa nas palavras de Vasco da Gama dirigidas no âmbito da sua narração ao Rei de Melinde, a propósito das tormentas vencidas e dos “*rudos* marinheiros / que *tem* por mestra a longa experiência”⁶¹, experiência essa que conduz os homens às “puras verdades” através de “casos tão diversos”, como acabará por confessar o Poeta algures nos seus sonetos. A descoberta desta terra das Américas ficou a dever-se ao espanhol Francisco Pizarro González, que iniciou a sua ocupação em Setembro de 1532. Agora, as palavras do médico humanista português:

Ceterum hodie alibi balsamum, quam in iis regionibus nasci novimus, ut experientia compertum habemus, videntes, opobalsamum apud eos qui e Peru noviter inventa regione, reversi sunt, et inter thesauros suos tanquam rem pretiosissimam reconditae asportant⁶².

De resto, hoje sabemos que o bálsamo nasce noutra lugar, naquelas regiões de que temos a certeza pela experiência, nós que vemos o opobálsamo junto daqueles que regressaram do Peru numa região de novo descoberta e entre os seus tesouros como se fosse coisa preciosíssima, o transportam.

Propriedades terapêuticas do bálsamo

Amato Lusitano, ao longo do texto que estou a traduzir, cita vários médicos contemporâneos, nomeadamente Hermolau Bárbaro (1434-1493), patriarca de Aquileia, Jean de la Ruelle (Ruellius) (1474-1537) e Pietro Andrea Mattioli (1500-1577), médico de Siena, que acusa o médico português de ter fugido de Portugal em razão da sua condição de cristão-novo e, com isso, o empurra, definitivamente, para o exílio de Salónica, na Grécia, no império Otomano. Uma polémica que foi objecto de estudo aturado recente, pela mão de António Guimarães Pinto, que acaba de traduzir, deste médico italiano, o seu tratado *Apologia aduersus Amathum*, publicado em 1558⁶³. Tudo isto nos pode fazer recordar que, bem cedo, e por ser cristão-novo,

61 Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas* V.17.1-2.

62 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 35.

63 Cf. António Guimarães PINTO, “Ciência e Preconceito: o ataque de Pietro Andrea Mattioli a Amato Lusitano”, *Humanitas* 65 (2013), pp. 157-182. Para informação complementar, vide dois estudos de J. M. VALDERAS, “La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano”, *Collectanea Botanica* 25, 2 (2000), pp. 255-304 e “Mattioli contra Lusitano.II. Las ‘censuras’ y la interpretación de Dioscórides”, *Collectanea Botanica* 26 (2003), pp. 181-226. Também em Espanha, o médico e humanista Andrés Laguna, na sua tradução castelhana e comentário ao tratado de Dioscórides (Pedacio DIOSCORIDES Anazarbeo, *Acerca de la matéria medicinal, y de los venenos mortíferos*, traduzida de len-

foi obrigado a abandonar o Reino, rumo ao empório de Antuérpia, como acima já foi referido, numa altura em que a Inquisição se aprestava para lançar âncora entre nós. Muitos cristãos-novos, como este, se distinguiram na Diáspora pela excelência da obra em diferentes áreas do conhecimento, como se pode ler numa obra de sumo interesse para o tema, *Humanismo, Diáspora e Ciência*⁶⁴.

O médico albicastrense, quando se vai ocupar da enumeração das mais variadas virtudes do bálsamo, apontando-lhe as propriedades curativas, sublinha que, entre as muitas que lhe são atribuídas, os modernos atribuem-lhes outras propriedades, que não são muito diferentes das que são consagradas pela tradição. Assim, ele vai mencionar a sua importância para a cicatrização das feridas, para a garganta e os ouvidos; que ele faz desaparecer as sardas, no rosto das mulheres, ou o tamanho das pedras nos rins e na bexiga⁶⁵:

At ultra tam multas balsamo vires tributas recentiores plures alias eidem attribuunt facultates: primam, quod vulnera citissime curat, et ea absque; cicatrice relinquat: secundam, ad sibilum, obtusumque; auditum, instillata in aurem opobalsami gutta, multum valet: tertiam, mulierum lentigines e facie delet, et eam perpolitam, claram ac formosam reddit: quartum, lapillos renum et vesicae ita celeriter frangit et minuit, ut opus incantamento simile esse videatur, quod et Abinzoar medicus doctissimus expertus fuit, ut apud ipsum est legere libro 2. Sui Theifir sectione secunda capite 7⁶⁶.

Mas para além das muitas virtudes atribuídas ao bálsamo, os modernos atribuem ao mesmo outras faculdades: a primeira, porque cura muito rapidamente as feridas e pode deixá-las sem cicatriz; a segunda, porque tem muito valor para o assobio enfraquecido; para o ouvido, onde uma gota de opobálsamo nele derramada tem muito poder; a terceira,

gua grega, en castellana ... por el Doctor Andrés de Laguna... En Anvers, En casa de Iuan Latio, 1555) havia de mencionar o seu colega português. Para uma análise dessas relações entre os dois colegas de profissão, a partir das citações que ambos fazem, nas suas obras, vide M. Á. GONZÁLEZ MANJÁRRES — M. J. PÉREZ IBÁÑEZ, "Andrés Laguna e Amato Lusitano, el desencuentro de dos humanistas médicos", in Ferran GRAU CODINA (ed.), *La Universitat de València i l'Humanisme: Studia Humanitatis i renovació cultural a Europa i al Nou Món*. València, Universitat de València — Departament de Filologia Clàssica, 2003, pp. 689-711.

64 ANTÓNIO ANDRADE, JOÃO TORRÃO, JORGE COSTA e JÚLIO COSTA (orgs.), *Humanismo, Diáspora e Ciência...*, op. cit.

65 Para um conhecimento da prática clínica deste médico português, vide *Amati Lusitani Doctoris Medici praestantissimi Curationum medicinalium centuriae septem, varia multiplicique rerum cognitione refert[a] e & in hac ultima editione recognitae & valde correct[a]e...*: ex typographia Gilberti Vernoy, 1620. Há uma tradução portuguesa: AMATO LUSITANO (João Rodrigues de Castelo Branco), *Centúrias de Curas Medicinaiis*, prefácio e tradução de Firmino CRESPO, Lisboa, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, 2010, 2 vols.

66 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 35.

porque faz desaparecer as sardas do rosto das mulheres e deixa-o muito polido, claro e formoso; a quarta, porque rapidamente faz em pedaços e diminui de tamanho as pequenas pedras dos rins e da bexiga, de tal maneira que pareça ser uma obra semelhante a um encantamento, uma obra, que o muito douto médico Avenzoar ensaiou, como se pode ler nele, no livro 2. *Al-Theisir*, na secção 2, capítulo 7.

Natural de Sevilha, Avenzoar ou Abenzoar (Ibn Zuhr) viveu na primeira metade do século XII (1091-1162) e a sua obra mais famosa, *Kitab al-Taysir fi 'l-Mudawat wa-'l-Tadbir* (*Livro que facilita o estudo da terapêutica e da dieta* ou *Livro da Simplificação*), citada abreviadamente por Amato neste excerto, é uma colectânea de observações médicas, escrita na língua arábica, mas que nunca foi publicada. A sua tradução para a língua latina, impressa em Veneza, corria o ano de 1490, fez-se a partir do hebraico⁶⁷.

Mesmo a terminar esta entrada, Amato vai ocupar-se daquilo que hoje é conhecido por “medicamentos genéricos”, isto é, vai dar a conhecer diversos sucedâneos, como se lê:

Verum Galenus libro succidaneorum suadet deficiente balsamo, eius loco utamur stacte, id est myrrhae pretiosissima gutta, quam hodie officinae, storacem liquidum, ut opinor, appellant; vel oleo irino; vel ut Paulus tradit liquore myrti: nam loco ligni balsami, utendum est albae violae radice. In quodam vero tractatu, qui absque auctoris alicuius nomine, circumfertur, quem recentiores. Quid pro quo appellant, legitur, loco balsami utendum esse terebinthinae oleo, vel oleo laurino, aut gummi hederæ: et carpobalsami loco, hederæ corymbis, et xylobalsami vice, ipsius hederæ ligno: multi praeterea molliuntur balsamum parare artificiale, quorum compositiones consulto praetermittimus⁶⁸.

Na verdade, Galeno, no livro dos sucedâneos, exorta a que na falta do bálsamo usemos a stacte, essência de mirra, isto é, uma gota muito preciosa de mirra, a que hoje as boticas chamam líquido de estoraque, creio eu, ou então usemos o óleo de irino (não será o óleo de irione, em italiano, pois este é de uma planta muito utilizada há séculos, o *Sisymbrium officinale* (L.) Scop., a que Lineu chamou *Erysimum officinale* L.) ou o líquido de murta

67 Para mais pormenores, vide “A medicina no Islão Ocidental”, in A. Tavares de Sousa, *Curso de História...*, op. cit., pp. 170-171. Ali se pode ler, num parágrafo anterior (pp. 167-168): “Sob o governo de califas como Abd Al-Rahman III (de 912 a 961) e do seu sucessor Al-Hakam II (961-976), grandes patronos da arte e da ciência, Córdoba tornou-se, com o seu milhão de habitantes, na maior cidade da Europa, logo a seguir a Constantinopla, e no *mais importante centro cultural do Ocidente*, procurado por estudiosos de várias origens e crenças religiosas. Hrosvita, freira beneditina de Grandersheim (no ducado de Brunswick), rara figura de intelectual, poetisa e dramaturga, escrevendo naquela época, chamava à cidade ‘a jóia do mundo’”.

68 AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Enarrationes...*, op. cit., p. 35.

(*Myrtus communis* L.), como diz Paulo; com efeito, em lugar do lenho do bálsamo deve usar-se a raiz de violeta branca [*Matthiola incana* (L.) R. Br.]. Na verdade, num certo tratado, que se divulgou com um nome de um outro autor a que os modernos chamam *quid pro quo*, lê-se que em lugar do bálsamo deve usar-se o óleo de terebinto (*Pistacia terebinthus* L.) ou óleo de loureiro (*Laurus nobilis* L.) ou goma de hera (*Hedera helix* L.); que em lugar do carpobálsamo, deve usar-se os cachos de hera, e que em vez do xilobálsamo, passe a usar-se o lenho da própria hera; além disso, muitas pessoas fazem um esforço para preparar o bálsamo artificial, e, por nossa decisão, omitimos as suas preparações.

De referir que neste excerto é citado Paulo Egineta ou Paulo de Egina (625-690 d. C.), médico grego, associado à medicina bizantina, a par de outros nomes célebres, nomeadamente este, também citado por Amato, noutras passagens, Écio (Aetius) de Amida (502-575), médico do imperador Justiniano, na corte de Constantinopla⁶⁹.

De notar, ainda, no fim deste excerto, a preocupação de Amato com as contrafações do bálsamo, omitindo as suas preparações, a fim de não tornar acessíveis tais conhecimentos.

4. PALAVRAS FINAIS: A PANACEIA DO BÁLSAMO

O bálsamo de Gilead, como se viu acima, era exportado para o Egipto, destinando-se a uso na medicina, no culto às divindades ou ainda na preparação dos corpos para a mumificação e, daí, o vocábulo embalsamar para designar o processo de conservação do cadáver.

Contudo, sem sombra de dúvida que o mais famoso será o bálsamo de Ferrabrás, celebrizado por *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*.

O escudeiro Sancho Pança observa ao seu senhor, o cavaleiro D. Quixote, montado em seu *Rocinante*, que a orelha dele se esvaia em sangue, depois de um pequeno recontro, à maneira de uma batalha. E logo colocou à disposição do seu senhor fios e um pouco de unguento branco que trazia nos alforjes, afivelados no seu burro. Mas logo lhe responde D. Quixote, dizendo que tudo aquilo seria escusado se ele se tivesse lembrado de preparar uma redoma de bálsamo de Ferrabrás, pois uma só gota dele lhes pouparia mais tempo e curativos.

À pergunta de Sancho Pança, que o inquiria acerca da natureza desse bálsamo, segue-se esta resposta:

“— É um bálsamo — respondeu D. Quixote — de que eu tenho a receita na memória, com o qual ninguém pode ter medo da morte, nem se morre de ferida alguma; e as-

69 Cf. “A medicina bizantina”, in A. Tavares de Sousa, *Curso de História...*, op. cit., pp. 147-152.

sim, quando eu o tiver feito e to entregar, não tens mais nada que fazer: em vendo que nenhuma batalha me partem por meio corpo, como muitas vezes acontece, a parte do corpo que tiver caído no chão tomá-la-ás com muito jeito e com muita subtileza, e, antes que o sangue se gele, a porás sobre a outra metade que tiver ficado na sela, por modo que acerte bem à justa; e dar-me-ás a beber só dois tragos do dito bálsamo, e ver-me-ás ficar mais são que um pêro”⁷⁰.

Resta explicar que este Ferrabrás era um gigante sarraceno das canções de gesta francesas da Idade Média, particularmente de uma com esse nome, do fim do séc. XII. Segundo reza a lenda, este herói, convertido ao cristianismo, durante o saque de Roma, juntamente com o seu pai, Balão, arrebatara da Igreja de São Pedro algumas relíquias de Jesus Cristo, entre elas o óleo usado para untar o corpo morto do Senhor. Daqui as propriedades milagrosas que se lhe atribuía.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Luís de, “Duarte Pacheco Pereira — O saber de experiência feito”, in *Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses Sécs XV e XVI*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 1987, pp. 157-173.
- AMATO LUSITANO, (João Rodrigues de Castelo Branco), *Centúrias de Curas Medicinai*s, prefácio e tradução de Firmino CRESPO. Lisboa, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, 2010, 2 vol.
- AMATO LUSITANO, *INDEX DIOSCORIDIS. / En candide Lector. / HISTORIALES DI- / oscoridis campi, Exegemataque sim- / plicium, atque eorundem Collationes / cum his quae in officinis habentur, ne / dum medicis & Myropolio- / rum Seplasiarijs, sed bona- / rum literarum studio / sissimis perquam / necessarium / opus. / IOANNE RODERICO CASTE / li albi Lusitano autore. / EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI- / dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.*
- AMATO LUSITANO, *IN DIOSCORIDIS / ANAZARBEI DE MEDICA / MATERIA LIBROS QVINQVE / ENARRATIONES ERVDITISSIMAE / DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI / AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, / quibus non solum Officinarum Seplasia- / riis, sed bonarum etiam literarum stu- / diosis utilitas adfertur, quum pas- / sim simplicia Graece, Latine, / Italice, Hispanice, Germa- / nice, & Gallice pro- / ponantur. / Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. / VENETIIS. MD LIII.*
- ANDRADE, António Manuel Lopes, “As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno”,

70 MIGUEL DE CERVANTES, *D. Quixote de La Mancha*, Primeiro Volume, tradução dos Viscondes de Castilho e de Azevedo. Mem Martins, Círculo de Leitores, 2005, p. 92.

- in *Medicina na Beira Interior: Da Pré-História ao século XXI — Cadernos de Cultura* 23 (2009), pp. 7-14 (reprodução disponível em http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol23.pdf).
- ANDRADE, António Manuel Lopes, “Ciência, negócio e religião: Amato Lusitano em Antuérpia”, in Inês Ornelas e CASTRO & Vanda ANASTÁCIO (coords.), *Revisitar os Saberes. Referências clássicas na Literatura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos; Lisboa, IELT — Universidade Nova de Lisboa, 2010, pp. 9-49.
- ANDRADE, António Manuel Lopes, “De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua Família”, in *Medicina da Beira Interior. Da Pré-História ao século XXI — Cadernos de Cultura* 25 (2011), pp. 5-16.
- BARREIROS, Gaspar, *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXVJ começa[n]do na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia ; co[m] algu[m]as outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte*, por Ioã Aluarez, & por mandado do doctor Lopo de Barros do Desembargo d’el rei nosso senhor & conego da Se d’Euora, em Coimbra, 1561.
- Biblia Sagrada*, para o Terceiro milénio da Encarnação, versão dos textos originais, coordenação geral de Herculano ALVES (*ofmcap*). Lisboa, Difusora Bíblica, 2003.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de, *Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira*, édition critique et commentée. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- CORTESÃO, Armando e ALBUQUERQUE, Luís de (eds.), *Obras Completas de D. João de Castro*, edição crítica. Coimbra, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1982, 4 vols.
- DIOSCORIDES Anazarbeo, Pedacio, *Acerca de la matéria medicinal, y de los venenos mortíferos*, traduzida de lengua grega, en castellana ... por el Doctor Andrés de LAGUNA... En Anvers, En casa de Iuan Latio, 1555.
- DIOSCÓRIDES, *Plantas y remedios medicinales (De materia medica)*, introducción, traducción y notas de Manuela GARCÍA VALDÉS, Tomo I. Madrid, Editorial Gredos, 1998.
- GONZÁLEZ MANJÁRRES, M. Á. — PÉREZ IBÁÑEZ, M. J., “Andrés Laguna e Amato Lusitano, el desencuentro de dos humanistas médicos”, in Ferran GRAU CODINA (ed.), *La Universitat de València i l’Humanisme: Studia Humanitatis i renovació cultural a Europa i al Nou Món*. València, Universitat de València — Departament de Filologia Clàssica, 2003, pp. 689-711.
- Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*. Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II Ratione Habita Iussu Pauli PP. VI Recognita Auctoritate Ioannis Pauli PP. II Promulgata. *Editio typica altera*. Constitutio Apostolica. Praefatio ad Lectorem. Praenotanda. Vetus Testamentum. Novum Testamentum. Appendix. URL: http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_index_lt.html (última consulta: 2013.11.18).
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Hélade. Antologia de Cultura Grega*, organizada e traduzida do original. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — Instituto de Estudos Clássicos, 1998.
- PEREIRA, Virgínia Soares, “Plantas de uso terapêutico e alimentar em Amato Lusitano e Diogo Pires”, in António ANDRADE, João TORRÃO, Jorge COSTA e Júlio COSTA (orgs.), *Humanismo, Diáspora e Ciência*

- (*séculos XVI e XVII*): *estudos, catálogo, exposição*. Porto, Câmara Municipal do Porto, Biblioteca Pública Municipal; Aveiro, Universidade de Aveiro, Centro de Línguas e Culturas, 2013, pp. 313-326.
- PINTO, António Guimarães, “Ciência e Preconceito: o ataque de Pietro Andrea Mattioli a Amato Lusitano”, *Humanitas* 65 (2013), pp. 157-182.
- PLINE L’ANCIEN, *Histoire Naturelle*, Livre XII, texte établi, traduit et commenté par A. ERNOUT. Paris, Les Belles Lettres, Paris, 1949.
- PLINIO EL VIEJO, *Historia Natural*. Madrid, Editorial Gredos, 1995.
- SANTORO, Mario, *Amato Lusitano ed Ancona*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1991.
- SEGURA MUNGÚA, Santiago y TORRES RIPA, Javier, *Historia de las plantas en el mundo antiguo*. Bilbao, Universidad de Deusto; Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2009.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro, “A História *Opus Oratorium e Espertador do entendimento*”, in Nair Castro SOARES, Margarida MIRANDA & Carlota Miranda URBANO (coords.), *HOMO ELOQUENS HOMO POLITICUS. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra / *Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis*, 2011, pp. 117-152.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro, “O primeiro humanismo ibérico”, in Italo PONTANI, Margarida MIRANDA & Henrique MANSO (coords.), *Aires Barbosa na cosmópolis renascentista*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra / *Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis* / Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; Roma, Sapienza, Universidade de Roma, 2014 (Série *Humanitas Supplementum*).
- TEOFRASTO, *Historia de las plantas*, introducción, traducción y notas por José María DÍAZ-REGAÑÓN LÓPEZ. Madrid, Editorial Gredos, 2008.
- TORRÃO, João Manuel Nunes, “Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações)”, in Maria Cristina PIMENTEL, Paulo F. ALBERTO (eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2013, pp. 601-609.

A partir dos alvares do século XVI, a matéria médica torna-se indiscutivelmente um tema de primeira grandeza entre os membros da República das Letras, objecto de estudo e de controvérsia entre os mais notáveis humanistas europeus, em particular entre os cultores da arte médica. Entre os autores em destaque neste volume encontram-se, à cabeça, os nomes de Amato Lusitano, Garcia de Orta e Nicolás Monardes, famosos pelos contributos valiosos que deram para o conhecimento do mundo natural. O volume encontra-se dividido em duas partes: a primeira, subordinada ao título “Humanismo e Ciência”, alberga os estudos que versam sobre todos os autores estudados, à excepção de Amato Lusitano; a segunda está reservada a um conjunto de trabalhos dedicados exclusivamente ao médico albicastrense, cuja autoria se fica a dever, em boa parte, aos membros da equipa do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, tomando, por isso, o seu próprio título. Nesta segunda parte, oferece-se, desde já, aos leitores uma amostra significativa do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto e que culminará, assim se espera, na edição e tradução integral para língua portuguesa das quatro obras previstas de Dioscórides, Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli.



HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

O projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” constituiu-se como o ponto de partida de uma reflexão alargada sobre as relações entre Humanismo e Ciência, percebidas a partir do diálogo fecundo entre dois tempos tão próximos quão afastados: Antiguidade e Renascimento. Naturalmente, a matéria médica representa o eixo central em torno do qual gravita a maioria dos estudos deste volume, cujas ramificações se estendem a múltiplos saberes no domínio da Botânica, Farmácia, Geologia, História, Lexicografia, Literatura, Matemática, Medicina ou Zoologia.

Os humanistas que desde os finais do século XV editaram, comentaram e traduziram o tratado de Dioscórides estão na origem de um processo acelerado de (re)conhecimento do mundo natural, ancorado no método filológico e nos resultados carreados pela observação e pela experimentação de uma realidade tantas vezes nova e completamente desconhecida. Neste movimento de largo espectro, tomaram parte alguns dos autores em destaque neste volume, seja através do estudo da própria matéria médica e/ou da medicina (Amato Lusitano, Filipe Montalto, Gabriel da Fonseca, Garcia de Orta, John Frampton, Luís Nunes de Santarém, Nicolás Monardes, Rodrigo de Castro), seja através do culto da poesia (Camões, Diogo Pires, Luís Nunes), seja através da matemática (Pierre Brissot, Francisco de Melo).



universidade de aveiro
theoria poesis praxis

• U



C •



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



COMPETE

PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional